

FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE DE COIMBRA

FICHEIRO EPIGRÁFICO

(Suplemento de «Conimbriga»)

163

INSCRIÇÕES 637-639



INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA, ESTUDOS EUROPEUS, ARQUEOLOGIA E ARTES

COIMBRA 2018

ISSN 0870-2004

FICHEIRO EPIGRÁFICO é um suplemento da revista CONIMBRIGA, destinado a divulgar inscrições romanas inéditas de toda a Península Ibérica, que começou a publicar-se em 1982.

Dos fascículos 1 a 66, inclusive, fez-se um CD-ROM, no âmbito do Projecto de Culture 2000 intitulado VBI ERAT LVPA, com a colaboração da Universidade de Alcalá de Henares. A partir do fascículo 65, os volumes estão disponíveis no endereço http://www.uc.pt/fluc/iarq/documentos_index/ficheiro.

Publica-se em fascículos de 16 páginas, cuja periodicidade depende da frequência com que forem recebidos os textos. As inscrições são numeradas de forma contínua, de modo a facilitar a preparação de índices, que são publicados no termo de cada série de dez fascículos.

Cada «ficha» deverá conter indicação, o mais pormenorizada possível, das condições do achado e do actual paradeiro da peça. Far-se-á uma descrição completa do monumento, a leitura interpretada da inscrição e o respectivo comentário paleográfico. Será bem-vindo um comentário de integração histórico-onomástica, ainda que breve.

José d'Encarnação

Toda a colaboração deve ser dirigida a:

Instituto de Arqueologia
Departamento de História, Estudos Europeus, Arqueologia e Artes
Faculdade de Letras | Universidade de Coimbra
Rua de Sub-Ripas | Palácio Sub-Ripas
P-3000-395 COIMBRA

A publicação deste fascículo só foi possível graças ao patrocínio de:



ARA DA SENHORA DA MOITA (MAÇÃO)
(*Conventus Scallabitanus*)

Encontra-se à guarda da Câmara Municipal de Mação, numa arrecadação da antiga Escola Secundária, uma ara de granito róseo, incompleta (FIG. 1). Segundo carta da Dra. Maria Amélia Horta Pereira, datada de 10-02-1993, o monumento parece ser proveniente da Senhora da Moita (Maria Amélia põe um talvez). Deu entrada no Museu Municipal de Mação a 24-09-1986, oferta de Isidro dos Prazeres, da Feiteira do Carvoeiro.¹

Na mutilação sofrida para a reutilização (há ainda vestígios de cimento em algumas letras), todo o capitel desapareceu, assim como a primeira linha do texto. Foi picada a molduração da base na face dianteira; há, porém, vestígios dela na face da direita, ainda que os danos sofridos nos impossibilitem de a caracterizar; poderá apenas afirmar-se que terá sido moldurada nas quatro faces, o que implica a sua primitiva colocação em sítio onde seria vista em toda a volta. A face epigrafada ficou também bastante danificada, mormente ao nível da sua metade superior. Atendendo às dimensões, a base deveria ter sido pensada para ficar enterrada.

Para registo e até para se conhecer a opinião que teve a oportunidade de facultar (identifica o monumento como

¹ Agradecemos à Dr^a Anabela Pereira, técnica superior do Museu de Mação, as facilidades que nos concedeu para o estudo da epígrafe.

«ara dos Barenuses»), reproduzimos, com a devida vénia, os desenhos que a Dr^a Horta Pereira enviou como ilustração do que nos escrevia (FIG. 2). É da mesma altura a informação sobre a ara às Águas Sagradas (*Aquis Sacris*), cujo paradeiro de momento se desconhece.²

Dimensões: (57) x 28/32 x 22.

Campo epigráfico: (34,2) x 24,8.

[IOVI] [?] / [O(*ptimo*)] [?] M(*aximo*) / [...?]INANE[S]
[?] / LABARE/NSES / ⁵ P(*ecunia*) [?] P(*ublica*) [?]

A Júpiter Óptimo Máximo (?) / os [...] [?] Labarenses –
com dinheiros públicos [?]

Altura das letras: l. 1 a 3: 6,2; l. 4: 7. Espaços interlineares:
1: 6; 2: 2; 3: 1; 4: 0,3/3.

A Senhora da Moita pertence, do ponto de vista da tipologia epigráfica, ao mesmo horizonte das aras votivas que se identificaram no Nordeste alentejano. Ora, tanto em IRCP 606 como IRCP 608,³ ambas de S. Salvador de Aramenha, a paginação das duas primeiras linhas é IOVI / O(*ptimo*) M(*aximo*). O facto de identificarmos um M (bastante aberto) sensivelmente a meio da l. 2 e de nos parecer vê-lo antecedido de resquícios de um O levou-nos à restituição apresentada,

² Sintetizamos o conteúdo da carta a respeito dessa ara: o desenho que remeteu terá sido feito por João Caritas Ribeirinho, que também adquirira moedas a Evaristo Parente, o achador, que em 1993 já tinha morrido. Não se sabe para onde foi a pedra; para o museu não foi. A ara veio de Vale do Junco e terá sido encontrada por ocasião de uma das campanhas ali efectuadas por Calado Rodrigues. O tal E. Parente, aproveitando a ida do CR a Cardigos, aonde fora buscar o P.e Jalhay, levou-lhe a pedra. A informação sobre esta ara foi passada a Helena Frade e daí a referência patente em HEpOL, registo nº 23 405.

³ IRCP = ENCARNAÇÃO (José d'), *Inscrições Romanas do Conventus Pacensis (Subsídios para o Estudo da Romanização)*, Coimbra, 2013. <http://hdl.handle.net/10316/578>. (O número identifica a inscrição no catálogo).

que se justifica também pela circunstância de o dedicante ser um colectivo, uma vez que a leitura *Labarenses* resulta evidente.

Claro que duas ideias nos surgiram de imediato: ler VICANI na l. 3 e ligar *Labarenses* a *Talabarenses*, designação natural dos habitantes do vicus que se tem localizado na Capinha por aí se ter encontrado a inscrição de *Maeilo Camali* que se identifica como sendo de *vico Talabara*.⁴ *Vicani* dava, na realidade, muito jeito (passe o vulgarismo), porque, no termo do Crato, novamente no mesmo horizonte cultural de Mação, se identificou o ex-voto *Iovi Optumo Maxumo* mandado lavrar por uns *vicani Camaloc(enses?)* (IRCP 609). Mas, de facto, a não ser que se pense em lapso do lapicida, que poderia ter lido mal a minuta, *Vicani*, por mais boa vontade que se tenha, não consegue ler-se na l. 3: pode haver uma letra antes do I, duas não; NAN parece-nos claro, apesar de, por via do desgaste que a pedra aí sofreu, a Dra. Maria Amélia ter proposto QNARD; e, na verdade, após NAN hesitamos entre I e E seguido de S pouco perceptível. Sendo assim, INANES teria alguma viabilidade. Ora, *inanes* é o plural do adjectivo *inanis*, *inane*. Na epigrafia do Império, a darmos crédito à base de dados de Clauss⁵, só haverá uma ocorrência dessa palavra (EDCS 232200190), na *Mauretania Caesariensis*, em que se enumeram os objectivos que *Constantius* se fixara ao patrocinar a construção de *balnea rura*, entre os quais se cita *ut supere[is homin]um linguas inanes*, «para que superes as línguas ociosas dos homens». Aliciante, mas deveras ousado, seria relacionar *inanes* com a eventualidade de, na última linha, se dever ler *p(ecunia) p(ublica)*: por não terem meios próprios, isto é, por serem *inanes*, os *Labarenses* mandaram lavrar este altar com o dinheiro público. Na verdade, essas duas siglas levam primordialmente a pensar-se que assim deverão ser desdobradas; *p(agani) p(agi)*, os habitantes do lugar, oferece-se também como hipótese, a esclarecer o

⁴ CIL II 453. Veja-se também ENCARNÇÃO (José d) e CARVALHO (Rogério), «Inscrição rupestre romana procedente de Capinha», *Trebaruna* (Castelo Branco), 3, 1994, p. 43-53. Acessível em: <http://hdl.handle.net/10316/29257>.

⁵ Acessível em: <http://www.manfredclauss.de/gb/>

significado do que atrás se escrevera: esses Labarenses eram os habitantes do lugar.

No fundo, é a referência a um novo *vicus* até agora inteiramente desconhecido, o dos Labarenses, a grande novidade desta epígrafe. Conhece-se, aliás, o antropónimo *Labarus*, que detém a mesma raiz; Vallejo⁶ inclui-o entre os nomes pré-romanos de radical *lap-* e cita dois testemunhos na Lusitânia (e não se conhecem mais na Hispânia): *Labarus* em Santa Vicente de Alcântara (na vizinha província espanhola de Badajoz – CIL II 732) e *Labara*, em Sorribas ou Prioro (León – IRPL 279)⁷. Sobre o seu significado, partindo de considerações etimológicas, refere que foi relacionado com o «adjectivo *labaros “charlatán”[...], com pleno sentido en la hidronimia para referirse a una corriente de agua “murmuradora”», o que teria paralelos, por exemplo, com o termo *labar*, do irlandês antigo.⁸ Anote-se, porém, que tais aproximações, ainda que ‘simpáticas’, digamos assim, do ponto de vista linguístico, não devem ser tomadas à letra para tentar caracterizar os portadores de tais nomes.⁹ Seria curioso, nessa ordem de ideias, dizer que os Labarenses eram... muito faladores!

Afim desse etnónimo poderia citar-se [*Ban*]/*de Alabar(aico) Sulen(si)*, que se quis ver numa epígrafe muito truncada de Pinho, junto a Viseu. Trata-se, porém, em nosso entender, de uma hipótese de difícil sustentação. Quem deu a conhecer essa epígrafe foi Manuel Pereira: constou-lhe «ter existido uma pedra à porta da igreja nova de Pinho, concelho de S. Pedro do Sul, em princípios do século XVII, com uma

⁶ VALLEJO RUIZ (José María), *Antroponimia Indígena de la Lusitania Romana*, Vitoria-Gasteiz, 2005, p. 325.

⁷ IRPL = DIEGO SANTOS (Francisco), *Inscripciones Romanas de la Provincia de León*. León, 1986. (O número identifica a inscrição no catálogo).

⁸ É feita também uma aproximação, lógica, com o verbo charlar. E podemos acrescentar que se regista o provincianismo alentejano «labarito» com o significado de barulho, tumulto, alarido (também este um vocábulo relacionável).

⁹ Recorde-se que o imperador Constantino designou *labarum* o estandarte em que mandou gravar uma coroa, a cruz e as iniciais de Jesus Cristo. O termo deu, em português, a palavra lábaro.

inscrição em que Hübner e Mommsen supuseram ver este “teónimo”. A pedra já estava perdida em 1630»¹⁰. O teónimo referido era *Cabar e partiu-se do seguinte testemunho do citado Pereira: /// De Al Abar¹¹. Foi João Vaz quem aventou a interpretação [Ban]de Alabar(aico) Sulen(si)¹².

Cumpre-nos ainda fazer breve comentário paleográfico, em aditamento ao que já se adiantou. Há *ductus* para a direita levemente denunciado; A com travessão, ainda que bastante sumido; N de hastes paralelas; B de barriga mais proeminente que a sua metade superior; R de perna oblíqua paralela ao movimento da haste direita do A, a denunciar cuidadoso trabalho do *ordinator*, patente também na regularidade do conjunto; S simétrico; P não fechado. Entre as duas siglas da última linha não há ponto e hesitamos em considerar sinal de pontuação a pequeníssima depressão que se segue ao segundo P.

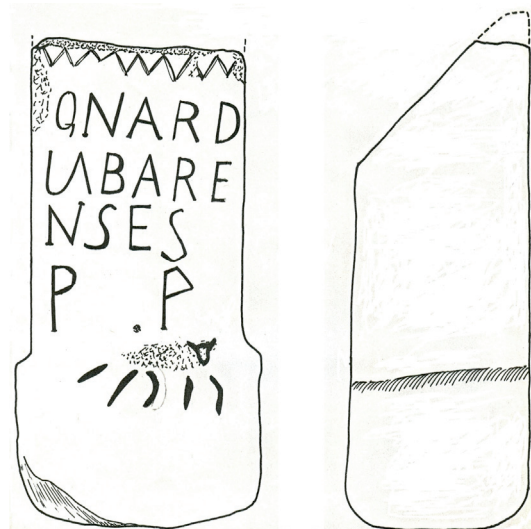
Paleograficamente, poderemos, pois, datar a epígrafe dos primórdios do século I da nossa era.

JOSÉ D'ENCARNAÇÃO
MANUEL LEITÃO

¹⁰ ENCARNAÇÃO (José d'), *Divindades Indígenas sob o Domínio Romano em Portugal (Subsídios para o Seu Estudo)*, Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 2015, p. 151-152 e 390. (Acessível em: http://www.uc.pt/fluc/iaraq/pub_online/pdfs_online/1975_Divindades).

¹¹ PEREIRA (Manuel Botelho Ribeiro), *Dialogos Moraes e Políticos...*, Viseu, 1955. A 1ª edição data do citado ano de 1630.

¹² VAZ (João L. Inês), *A Civitas de Viseu – Espaço e Sociedade*, Coimbra, 1997, p. 200-202.



638